

Cláudio Loes

17 Artigos

Publicados no Jornal de Beltrão
2014 – 2015 – 2016
<http://claudioloes.ecophysis.com.br/>

Sumário

Diálogo Ambiental.....	3
Investir no Equilíbrio.....	4
A Copa das Árvores.....	5
Enchentes, enxurradas,	6
Social ou ambiental, qual a sua opção?.....	7
Os negócios e as mudanças ambientais.....	8
Mudanças climáticas para quem não quer mudar.....	10
Morro pelado.....	12
O lixo nosso de cada dia.....	14
A Natureza sem partido.....	16
O silêncio local.....	18
Isenção de responsabilidade.....	19
Solução de ida e volta.....	20
A água de todos os dias.....	22
Quando somente a tecnologia não basta.....	24
Educação Ambiental, mais uma disciplina?.....	26
Somos civilizados?.....	28

Diálogo Ambiental.

As expressões “problemas ambientais”, “questões ambientais”, “poluição ambiental” e tantas outras estão presentes em nosso contato com diversas fontes de informação. Muitas vezes passam despercebidas porque podemos estar entendendo que as mesmas não nos atingem diretamente e nossa atenção é até desviada em muitas situações pelo excesso de informação. Assim, a proposta é iniciar a partir do diálogo ambiental para melhorar a percepção frente às condições adversas. Condições que provocam mudança por escolha ou mesmo imposição. O diálogo ambiental supõe a prática de uma interação constante com tudo e com todos.

A natureza em seu longo processo evolutivo nos deu condições de existirmos. Os ciclos naturais nos quais estamos inseridos são dinâmicos e tem capacidades limitadas. E mais, as informações de que dispomos mostram que o nosso uso da natureza está indo além daquilo que ela pode repor. Exemplos não faltam, lembrando que em muitas regiões e mesmo localmente temos problemas com a falta de água. Temos em Francisco Beltrão prejuízos com as secas, bem como com as enchentes.

Assim, precisamos estar atentos para as condições nas quais vamos continuar existindo ou não. Para continuar a existir nós precisamos nos **religar com a natureza**. Compreender que a natureza tem recursos finitos. Nossa terra é finita como o local em que moramos. Se formos receber convidados em nosso local de moradia, o número deles é limitado pela capacidade que temos para acolhê-los bem.

Na proposta do diálogo ambiental é urgente deixar de ser somente competitivo e também cooperar. Cooperar não é fazer pelo outro ou dar uma ajuda assistencialista. Existem momentos em que precisamos competir para buscar as melhores ideias, propostas e ações. Precisamos cooperar para que toda a espécie humana possa continuar existindo.

A natureza neste sentido é uma fonte de inúmeros exemplos e ela mesma em seu processo é um **equilíbrio dinâmico entre a competição e a cooperação**. As abelhas, por exemplo, precisam das flores para se alimentar e ao mesmo tempo polinizam mantendo a diversidade das plantas. Agora, experimente chegar próximo de uma colmeia e verá como existe competição, as abelhas se defendem do intruso.

Outro dia lendo uma matéria sobre mamíferos em extinção surgiu uma interrogação. Será que esquecemos que somos mamíferos e que poderemos estar daqui a pouco na lista? Penso que para muitos é uma pergunta que não faz sentido por estarem sempre lutando e acreditando que é possível sair-se bem individualmente. Este individualismo se aplica tanto para uma pessoa como para um grupo de pessoas. Ser individualista é um entrave para o diálogo porque tira toda e qualquer possibilidade de troca. O individualista é aquele que quer levar vantagem tão somente.

No início foi colocado que as mudanças acabam acontecendo por escolha ou imposição. Assim, iremos querer qual das duas opções? Tomando como base inicial para o diálogo ambiental o religar com a natureza e o equilíbrio dinâmico entre cooperação e competição, será que podemos continuar existindo fazendo mais do mesmo? Esta pode ser uma boa pergunta inicial para continuar, o diálogo supõe o outro e a continuidade. O convite está feito para quem quiser participar.

Publicado no Jornal de Beltrão em 8/6/2014

Investir no Equilíbrio.

Diversas crises afligem as pessoas em várias regiões da Terra. Indo desde a falta de emprego nos grandes centros até os campos de refugiados das guerras ou condições climáticas adversas, dos locais que há poucos anos eram prósperos até aqueles que sofrem com a poluição nas suas diversas formas. Locais com grandes jazidas de minérios, petróleo ou pedras preciosas tem miséria que extrapola os limites do aceitável. Por que chegamos neste ponto?

As estruturas humanas ao longo de nossa história tinham e tem como base o princípio da dominação que acontecia pela tecnologia, quando uma sociedade conseguia por técnicas produzir mais alimentos que outra. Pelas doenças, se determinado grupo humano não tivesse resistência, bastava algum contato com infectados e o desaparecimento tornava-se iminente. Restavam poucos para defender seu local, seu modo de vida, sua cultura. Pelas armas, dispensando comentários quando sabemos tanto das que aconteceram como das atuais.

As armas, a tecnologia e as doenças de certa forma mantiveram uma estabilidade populacional e uma evolução. É chocante, mas muitas invenções, modificações de hábitos e mesmo seleção dos indivíduos que não contraíam as doenças sempre permitiam novamente a existência da espécie humana.

Com todos os conhecimentos que temos hoje e o entendimento de qual a capacidade da natureza para garantir nossa existência, merece atenção a falta de equilíbrio entre quantos somos e quantos a natureza tem condições de sustentar. Temos o caso da água, com o agravante pela falta ou mesmo sem condições para uso humano. Sendo aqui egoísta e pensando somente a partir dos humanos e como se somente a água fosse necessária.

A partir da água poderemos ter as seguintes possibilidades. Quem dominar a tecnologia para obter água pura se sairá melhor. Ou, quem tiver o melhor exército terá acesso à água que resta. Ou, teremos falta de água e doenças associadas que dizimarão muitos. Tudo isto, queiramos ou não já está acontecendo e poderá continuar acontecendo. O resultado final será o equilíbrio entre a água disponível e quantos poderão viver.

O que acontece com o passar dos anos, séculos talvez? O ciclo se repetirá, a população vai aumentar por novas condições, as mais diversas e imagináveis. Descobriremos água na lua e traremos para a terra. Ou, iremos até Marte estabelecer uma nova terra a ser explorada. Desenvolveremos tecnologias que a partir da luz do sol produzirão água potável. Fique a vontade, a ficção ajuda a evoluir.

Voltando ao questionamento inicial. Chegamos neste ponto porque pensamos sempre da mesma maneira. Partimos do entendimento de que o mais forte é que vence. Deixamos de lado toda e qualquer cooperação e ainda continuamos desconectados da natureza, colocando nossos sistemas humanos acima dos naturais, mesmo com a experiência de milhões de anos da natureza.

Quando a população aumenta os recursos disponíveis para cada um diminuem, cada um fica mais pobre. Este aumento populacional está no pressuposto de nossos sistemas sociais, políticos, econômicos e financeiros de que é preciso crescer, crescer e crescer. No entanto, a riqueza está em equilibrar quantos podemos ser frente aos recursos de que todos nós dispomos para viver melhor. Isto passa por uma mudança de modelo mental, do entendimento e reconhecimento do que vem a ser riqueza. Dialogar sobre a riqueza, uma próxima possibilidade ou uma oportunidade para o diálogo entre todos.

Publicado no Jornal de Beltrão em 22/6/2014

A Copa das Árvores.

Viajando aqui e ali observamos mudanças na paisagem. Conseguimos fazer alguma observação com relação à urbanização, alguma vila, alguma mata ou floresta plantada. Tudo passa rápido e temos o nosso objetivo, chegar ao destino. São observações superficiais de quem passa e só.

Assim, quero fazer uma proposta. Um dia qualquer, sem hora marcada, parar próximo de uma mata na beira da estrada e fazer uma caminhada em seu interior. Poderia sugerir um roteiro, perguntas talvez, o que seria desencorajador. É preciso então uma alternativa que possa servir de exemplo, um relato.

Estamos viajando de carro. O dia está com sol a pino, céu de brigadeiro e um vento que sopra com relativa força. Lá no topo avisto um fragmento de mata pelo seu tom verde. Chegando mais próximo, diminuo a velocidade, paro e estaciono com segurança. Convido os outros para caminhar na mata, mas ninguém quer e prometem ficar esperando.

A mata está cercada, indicando que está sendo preservada possivelmente por força da legislação porque ao redor tudo foi arado recentemente. Passo a cerca e caminho por entre as árvores. O fragmento não é muito grande então posso seguir sem preocupação com a volta.

Encontrei uma fonte de água que veio na hora certa, estava com sede. Sai num ponto diferente e retornei contornando a mata por fora até chegar à rodovia. Estava tranquilo. Os outros olharam e uma pergunta. E aí? Para satisfazer a curiosidade falei do que observei e que chamou a atenção.

São: 1. A beira da mata serve como um anteparo para o lixo descartado na rodovia; 2. Entrando um pouco o vento já não sopra mais; 3. Seguindo mais um pouco para o interior o barulho dos automóveis e caminhões que passam diminui drasticamente; 4. O silêncio permite ouvir o canto de pássaros; 5. Onde se pisa é fofo, recoberto de folhas e gravetos; 6. As mais variadas árvores abrigam bromélias e musgos que seriam difíceis para descrever, só vendo e 7. Existe uma fonte de água límpida e fresca, vocês deveriam experimentar.

Um dos que ficou começou a rir e disse: isto parece uma observação primária, esperava mais de você. Por quê? Você foi no mato, lá tem árvores e você não viu a copa das árvores. Respondi: tem razão deixei passar um. Não vi a copa das árvores.

Enfim, não era necessário ver a copa das árvores. A copa das árvores é parte de toda a árvore. Se embaixo as árvores conseguem água e nutrientes a copa será forte e viçosa. Não existe copa sem base.

Algo simples que todos podemos fazer. Caminhar, sentir, perceber diferenças, aromas, sons, sutilezas que muitas vezes nem se quer conseguimos imaginar. Uma interação maior com a natureza amplia a percepção e a conexão com tudo e com todos. Um ótimo relaxante para viagens longas.

Finalizando, a conversa seguiu enquanto íamos entrando no carro para continuar nossa viagem. Disse para o senhor das copas: você concorda que poderia ter ido comigo caminhar. Ele: claro que sim e teria visto a copa das árvores. Respondi: com certeza, você teria visto somente a copa das árvores. Sete a um.

Publicado no Jornal de Beltrão em 13/7/2014

Enchentes, enxurradas, ...

A questão do aumento das chuvas vem sendo alardeada a muito tempo. Não foi levada em conta. A ocupação irregular que não respeita o natural, por exemplo o rio sempre esteve em seu lugar e chegou muito antes de nós e nós só existimos por causa de suas águas, também não foi levada em conta. As leis da física também não são levadas em conta pelos arrogantes que acreditam poder mudar tudo.

A falta de Educação é total porque gostamos de viver dentro da lixeira. O lixo que fica nas ruas e que a água da chuva leva, entope os bueiros e depois para lá no rio. Nosso grupo sabe muito bem e para quem duvida é só ver os registros das limpezas já feitas num trecho muito pequeno. [Estaremos retomando os trabalhos de limpeza em fevereiro de 2016].

Tudo isto revela que continuamos sendo pobres e precisamos depredar tudo porque não temos dinheiro suficiente para viver de modo sustentável. Se continuamos pobres, só temos a visão de pobres que continuam investindo na pobreza. É impossível crescer infinitamente.

Queremos crescer a todo custo e dividimos com todos os prejuízos. Um exemplo, quando alguém faz um loteamento que depois leva parte do solo para o meio de uma via pública, a prefeitura vai lá limpar, é o imposto que pagamos que vai lá cobrir o erro feito no loteamento. Então o meu imposto está não a serviço do que é público e sim sendo transferido para os ganhos de quem fez o loteamento. Qual o nome que devo dar para isto?

Aí podemos citar exemplos diversos, e é bom lembrar o pior sinal visível que temos em dias de chuva é pela cor do rio. Quanto menos transparente pior está a nossa proteção do solo, menos mata ciliar, e pior estará sendo nossa vida.

Publicado no Jornal de Beltrão de 30/12/2015, Cidade/Geral, 30/12/2015. Como foi publicado no Facebook o jornal não pediu autorização.

Social ou ambiental, qual a sua opção?

Esta dualidade vem de longa data, principalmente porque como seres humanos entendemos que a natureza esta ao nosso dispor. Dela tiramos tudo e enquanto éramos poucos ela conseguia dar conta do nosso descaso. Agora a situação mudou bastante e nossa pressão sobre os recursos passa dos limites de reposição.

O caso da ocupação de Área de Preservação Permanente noticiada no JdeB em 6/1/2016, neste excerto, “os ocupantes contam que mais de 200 pessoas dos arredores levantaram a favor dos ocupantes e trancaram o caminho dos tratores”, indica que a opção foi mais social. Isto sem fazer maiores julgamentos. Temos a necessidade de mais áreas de preservação, mas isto não é levado em conta por não termos uma visão mais ampla da cidade.

Por outro lado, ano passado, conheci outro local que pelas informações pode ser parte de uma área de preservação. A associação de moradores teve um posicionamento totalmente diferente. Como as casas quase não tem quintais eles pediram autorização da prefeitura para ocupar uma área próxima se comprometendo a preservar a mata. O espaço está cercado e tem um uso misto entre preservação e lazer.

Sabemos que existem diversas áreas que precisam ser protegidas e que são exigidas por lei tendo em vista garantir a qualidade de vida de todos nós. Existem áreas institucionais que ainda não foram ocupadas e poderiam ser transformadas em hortas urbanas. Esta solução temporária das hortas evitaria a ocupação irregular, o depósito de lixo e a degradação generalizada.

Assim, voltando ao nosso questionamento, não é preciso ser radical. Precisamos encontrar a solução de equilíbrio e ela não pode ser um discurso, porque se for os resultados nos dias atuais já se mostram mais rapidamente. Se tivermos muitas pessoas em um pequeno espaço à queda da qualidade de vida é certa. Aumentam os casos de doenças, os conflitos, as mortes, tudo porque a natureza, o meio ambiente, vai buscar retomar o equilíbrio e quem sabe possa continuar garantindo a existência da espécie humana.

Publicado no Jornal de Beltrão em 16/1/2016

Os negócios e as mudanças ambientais.

A notícia de que o Governo Federal com os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo estão para fechar um acordo com relação ao crime ambiental ocorrido em Mariana/MG é preocupante. Percebe-se um viés mercantilista que desconsidera o crime em si e parte para uma solução financeira simplista. Um acordo que busca tirar a responsabilidade pelas mortes, escondendo a falta de seriedade na condução do negócio e fiscalização por parte dos órgãos competentes. Tudo porque era importante o Brasil fazer negócios e exportar mais.

Salientar a importância dos empregos gerados e impostos recolhidos pela mineração é tapar o sol com uma peneira. A conta está aí e será que todos os ganhos vão conseguir mitigar o estrago? Recuperar penso será muito difícil, mesmo que tenham organizações bancadas pelos envolvidos dizendo que é possível e que só depende de verba. Está parecendo como rodovia mal conservada. Deixam ter buracos de tempos em tempos, porque gera empregos, recolhe impostos e dá lucro. E quem paga a conta?

Este reducionismo financeiro não é especialidade nossa. Talvez alguns já tenham ouvido falar das Conferências da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP), que em dezembro de 2015 estava em sua 21ª edição. As conferências acontecem desde 1995, quando se iniciou um processo de negociação de metas e prazos para a redução da emissão de gases do efeito estufa pelos países desenvolvidos. Em 1997 tivemos um primeiro resultado concreto, o Protocolo de Kioto, onde 84 países se comprometiam a diminuir a emissão de gases. O Brasil, Argentina, México, Índia e China não receberam metas.

O resultado do protocolo foi que os negócios de produção foram transferidos para territórios que não tinham metas. Em 2000, vão surgindo impasses especificamente entre a União Europeia e os Estados Unidos, em assuntos como: Mecanismo de Desenvolvimento Limpo, mercado de carbono, financiamento de países em desenvolvimento e mudanças no uso do solo. Podemos encontrar farto material fazendo pesquisas, mas para nossa reflexão o ponto foi que em 2001 os Estados Unidos saíram do Protocolo de Kioto alegando que os custos para a redução de emissões seria muito elevado para a economia americana.

Várias conferências aconteceram e todas ficaram sem força quando na volta aos países de origem. Assim como para os Estados Unidos, todos os outros países têm seus argumentos quanto ao crescimento. Todos querem crescer e ter acesso às modernidades que são copiadas de países desenvolvidos.

A COP21, a mais recente, em seu documento “Acordo de Paris” dentre seus objetivos tem o de manter o aquecimento global “muito abaixo de 2°C” e determina que os países desenvolvidos devam investir 100 bilhões de dólares por ano. Porém, como o acordo vale até 2020 e sendo revisado em cinco anos, dificilmente haverá algum investimento maciço na questão do clima e ainda o acordo colocou numa mesma bolsa o financiamento climático e a ajuda oficial para o desenvolvimento. Isto é, continua a opção de que os negócios e seus lucros vêm primeiro. Em abril de 2016 teremos a oficialização do acordo entre as partes. Será que seguirá em frente?

Os riscos ambientais, mesmo em escala cada vez maior, não são levados em consideração. Uma pesquisa anual da Pricewaterhouse-Coopers (PwC), publicada no Jornal de Beltrão no dia 20/1/2016 aponta que somente 50% dos entrevistados aponta a mudança climática e os danos ambientais como uma ameaça relevante para seus negócios. Lembrando que esta sondagem foi realizada em 83 países.

Ainda poderíamos relacionar o alerta emitido pelo Fórum Econômico Mundial de Davos que começou no dia 20 de janeiro. O aumento da utilização de plástico é tanto que a previsão é de quem em 2050 teremos mais detritos deste material que peixes nos oceanos. E a mensuração é de que se perde anualmente entre 80 e 120 bilhões de dólares em embalagens de plástico. Contudo pelo andamento dos trabalhos do Fórum a preocupação está focada nos fluxos migratórios, na saída dos investidores de países em desenvolvimento, na crise do preço do petróleo e no aperto do crédito nos Estados Unidos. Como era de se esperar tudo em torno das finanças.

Podemos concluir que os negócios e seus lucros continuam em primeiro lugar e mesmo com o aumento dos riscos ambientais pouco se fará porque o modelo mental, “para a economia a natureza não é considerada” (Hugo Penteado), continua o mesmo. E não precisamos ir longe. Um exemplo bem doméstico mostra que temos o mesmo comportamento. O mesmo alimento, mesmo peso, com menos embalagem custa mais caro do que com mais embalagem. Porque pagar mais caro para comer a mesma quantidade? Qual a sua opção?

Precisamos conhecer mais e agir para não acontecer de vermos o nascer do sol numa tela de LCD colocada no centro de uma praça coberta pela poluição.

Publicado no Jornal de Beltrão em 23/1/2016

Mudanças climáticas para quem não quer mudar.

Falar de mudanças climáticas pelo próprio termo já é muito complicado. Nós não gostamos de mudanças e preferiremos sempre a acomodação e a rotina. Abordar o tema mudança climática causa desconforto e distanciamento. A mudança do clima tem se mostrado inevitável e já aconteceu em outras épocas sem nossa presença. As mudanças sempre fizeram parte dos ciclos do universo, que muito embora tenhamos grandes conhecimentos ainda não compreendemos bem em seu conjunto.

A Nasa – Agência Espacial Americana divulgou recentemente, NOAA – Agência que Estuda os Oceanos, publicaram suas análises sobre o clima em 2015, confirmando como o mais quente de o início das medições. Nestas medições estão incluídos os da Agência Japonesa de Meteorologia, Escritório de Meteorologia do Reino Unido e Berkeley Earth.

Poderia ser até uma situação atípica o ano de 2015 como o mais quente, mas quando se observam os gráficos dos diversos anos, existe uma curva ascendente e com incrementos mais altos nos últimos anos. Isto é uma tendência de mudança que afetará de forma diferente a terra.

Outra informação do mesmo documento mostra um desequilíbrio, o aquecimento maior se verifica do equador para o hemisfério norte, o que está influenciando as correntes oceânicas, os ventos, as tempestades. Alterações que vão provocar mudança na oferta de água e produção de alimentos, o básico que nos afeta diretamente.

As informações do INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais corroboram com seus dados de observação que o aumento de temperatura é maior nas regiões norte e nordeste. Isto é, poderá provocar a perda de florestas e aumento dos desertos, o que também acontece na mesma latitude nos outros continentes.

Chegando um pouco mais perto, as notícias dão conta de perda de safra pelo excesso ou falta de chuva e altas temperaturas. O excesso de chuvas provoca enchentes que conhecemos bem pela sua ocorrência em intervalos de tempo menores. No nosso caso, em Francisco Beltrão e região, nós estamos numa região que tem tendência para formação de tempestades, granizo e suas variações mais impactantes.

Uma passada rápida nestas três esferas: global, nacional e local, poderíamos enumerar muitas outras, apresenta a mesma tendência e seus efeitos. Antes existiam muitas dúvidas, hoje já estamos vivendo com temperaturas mais altas. Voltando a nossa proposta de tratar a mudança para quem não quer mudar, podemos perguntar: por que não?

Em seu discurso, o Diretor Executivo do PNUMA, Achim Steiner, proferido no Fórum de Inovação Sustentável em 2015, tinha uma pergunta: Por que não? Este fórum foi realizado em Paris, em conjunto com a 21ª Conferência das Partes (COP 21) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre mudança do Clima (UNFCCC). Neste fórum estava sendo lançada a mais recente edição do relatório Ação Climática.

Segundo Achim “o setor de transportes é responsável por um quarto de todas as emissões de CO2 relacionadas com energia e isso vai crescer para um terço em 2050”, ao mesmo tempo ele

cita o exemplo da China de substituir as motocicletas de dois tempos por modelos elétricos. E segue perguntando: por que não? A pergunta dele segue no decorrer do discurso porque pelos cálculos econômicos seriam necessários investimentos da ordem de cinco a sete trilhões de dólares para manter o aquecimento global abaixo de 2°C. Pode parecer muito? Talvez não, temos no momento 273 trilhões de dólares em capital privado, segundo o próprio Steiner.

Por que não? É uma pergunta que serve para as mais diversas situações e talvez ela possa ser um caminho melhor para digamos ludibriar nossa tendência à acomodação. Esta pergunta instiga a curiosidade, buscar o novo, empreender, correr o risco buscando um resultado melhor.

Os problemas climáticos estão aí e precisamos nos adaptar. Claro, o leitor pode argumentar que conseguimos fazer pouco, porque a concentração de renda é alta e a proposta do Achim Steiner não depende da nossa resposta ou querer, mas estar preparado faz parte. A nossa acomodação com o que aí está só será quebrada se começarmos com pequenas mudanças, que se transformam em rotina.

Aumentar o uso de transporte público, bicicleta e andar a pé; aumentar o consumo de produtos vegetais; consumir tendo como critério a necessidade básica; aumentar o consumo de produtos e serviços locais. Tudo isto para melhorar nossa relação com tudo e com todas as pessoas, garantindo uma vida melhor e aumentando as chances de continuarmos existindo enquanto espécie humana.

Publicado no Jornal de Beltrão em 30/1/2016

Morro pelado.

Estamos em período de muitas chuvas na região sudoeste com todos os transtornos consequentes das mesmas. Andando e transitando pela cidade e interior percebe-se grandes mudanças na paisagem e parece existir pouca relação das mesmas com parte dos problemas que enfrentamos quando ocorrem os alagamentos e enchentes. Alguns pensam sempre nos atingidos diretamente que aparecem nas notícias, mas somos todos atingidos e a maioria de nós, também contribuímos de alguma forma para esta situação.

Certa vez fui visitar uma propriedade que estava à venda no interior. O local tinha poucos moradores e muita mata ainda. Quando chegamos ao topo do morro encontramos um plano totalmente mecanizado com uma nascente de água mais ou menos no centro. Andando pela borda viam-se rochas no meio da mata não faziam sentido. Perguntando ao proprietário este contou que durante anos seu avô, depois seu pai e depois ele, a cada ano tiravam uma quantidade de pedras e soltavam na beira do mato. Isto para aumentar a área de plantio.

Depois descemos mais um pouco e deu para observar que na parte baixa, a erosão abria grandes valas e eles não conseguiam mais plantar. Mal e mal algumas vacas caminhavam por entre as pedras encontrando aqui e ali algum fiapo de capim.

Se observarmos ao redor de nossa cidade, vemos algo semelhante. Onde antes existiam florestas nas partes altas elas vão dando lugar a loteamentos e tudo é aplainado para conseguir melhor condição de construção e alguns lotes a mais. Basta passar nestes locais num dia de chuva e pode-se observar a água que escorre rapidamente trazendo terra e pedras. Dependendo dos locais, pelo atraso das obras, o escoamento acaba provocando a necessidade de refazer os trabalhos.

Estes dois exemplos tem em comum a exploração esperta da terra. No interior, nosso exemplo, existia uma área agricultável que se perdeu e em tamanho é equivalente à nova área no topo. Isto é, por ser esperto e buscar resultados de curto prazo as boas práticas agrícolas foram abandonadas. Era mais fácil e barato ir lá em cima do morro e aplainar.

Ainda poderíamos pensar que faltava técnica em tempos passados. Verifiquei isto com o proprietário e ele disse que não dava para acreditar no que ensinavam porque seria sempre pior. E mesmo perguntando sobre a erosão, para ele estava tudo certo, ele tinha aumentado a área de uso de sua terra para o plantio.

Porém, a esperteza deles tornou-os mais pobres, obrigam-se a vender o local que antes alimentava e remunerava todos e agora migram para a cidade na esperança de condições melhores. Lembro bem das palavras: precisa ser esperto rapaz se quiser viver. E o que dizer sobre a esperteza nesta decisão?

Nos loteamentos, a grande maioria, o que vemos segue o mesmo processo. Existem técnicas, regras, leis e dificilmente alguém nos dias de hoje pode dizer que não sabia. Novamente a esperteza, o loteamento vai sendo feito e depois é visto se está tudo dentro das normas, ou faz-se pressão para que as normas sejam adaptadas, ou ainda argumenta-se que já está construído e é preciso regularizar. E a regularização quando é feita também é uma forma de esperteza. Já pensou em quanto a mais de impostos, de retorno para o município, por ter mais habitantes?

O que existe é a questão do querer ganhar, ser esperto e depois o problema fica para os outros. As máquinas cada vez mais potentes sobem morros e vão aplainando tudo. Quem mora em local onde antes não tinha problema em tempos de chuva agora tem. E isto não é por causa da chuva em si, mas sim porque com a falta de mato nos morros a água escoar muito mais rapidamente e em maior volume. Quando um loteamento fica pronto, com todas as casas, isto é, grande maioria de sobrados que impermeabilizam tudo, os problemas só tendem a aumentar.

ATÉ AQUI PUBLICADO NO JORNAL DE BELTRÃO DE 6/2/2016. Abaixo segue o complemento.

Portanto, é preciso educar, educar e educar para o entendimento de que é o todo que se perpetua e não uns poucos que se dão bem sendo espertos no curto prazo. A educação é algo de prazo mais longo e não deve ser perdida de vista. É preciso muita educação e cultura para tornar um lugar melhor para se viver. O resultado de curto prazo infla o ego e não garante nada. Poderia aqui questionar os índices que indicam se uma cidade é boa ou não para se viver.

Na prática de prazo mais curto devemos aplicar as técnicas, regras e leis, levando tudo a sério. Impedir as pressões de curto prazo pelo ganho fácil daqueles que visam somente explorar, enriquecer e depois vão embora deixando um rastro de locais destruídos e degradados.

No âmbito cultural a esperteza precisa ser coibida. Voltar a ensinar desde os primeiros anos da escola que é preciso um entendimento de que o que cada um faz afeta a todos. A natureza como um todo não mede nada pelo dinheiro e sim pela capacidade de adaptação dentro do possível, é preciso valorizar o mérito. O mérito de saber viver no conjunto da espécie, com todos e com tudo.

Tudo isto e muito mais podemos encontrar em muitos textos de jornais e revistas. O cansaço de parecer repetitivo e parar com as argumentações são o que os espertos preferem. Porém, aí conheci um construtor que prefere fazer loteamentos em cidades onde as leis são seguidas e cobradas de todos.

Um comportamento diferente, ótimo e nem por isto sem resultado econômico financeiro. Porque ele faz? Porque a maioria não segue o exemplo? Ele, o construtor, tinha o pensamento de que numa noite de chuva quando dormia calmamente com o barulho da chuva as pessoas que moravam onde ele tinha construído deveriam ter o mesmo privilégio. Dormir tranquilamente, descansando e vivendo melhor. Se uma pessoa consegue, muitas outras também podem seguir o exemplo.

O lixo nosso de cada dia.

Olhar para as ruas, calçadas, pátios e todos os lugares ocupados por nós causa uma profunda tristeza. Somos a única espécie que produz lixo. E pelo visto gostamos de viver dentro da lixeira. Começa a ser algo que faz parte, acumulamos com nosso consumismo sem nenhum sentido ou necessidade. Tudo pode ser feito e a sociedade aceita desde que gere emprego, renda e lucro. É preciso ser assim?

O lixo produzido por habitante por dia é de mais ou menos um quilograma, parte resíduo orgânico e parte lixo. Começa aqui uma diferença entre lixo e resíduo que é preciso esclarecer. Lixo é aquilo que não serve mais para nós e a natureza leva muitos e muitos anos para poder integrar o mesmo em seus ciclos. O lixo reciclável seria aquele que pode ser reintroduzido nos processos industriais. E com este precisamos ficar muito atentos.

O lixo reciclável ou dizer que uma coisa é reciclável não quer dizer que está tudo bem. Quer dizer que temos coleta seletiva. Por exemplo, se pegamos os plásticos, a porcentagem do que vem sendo reinserida nos processos industriais é baixa. Os sistemas de coleta se funcionassem por completo gerariam montanhas de reciclável tão sem uso quanto o lixo que vai para os aterros sanitários.

Para estas montanhas de lixo muitas cidades mundo a fora tem adotado a incineração para geração de energia. Acarretando tantos problemas quanto, visto que a incineração gera gás carbônico que contribui para o aumento das temperaturas. Soluções melhores aparecem a cada dia, com diversas descobertas, mas todas dependem de um aumento no consumo de energia. Daria um artigo a parte, somos consumidores vorazes de energia.

Mas, nem tudo é lixo, existe o resíduo orgânico. O resíduo orgânico são por exemplos os restos vegetais da cozinha. Este resíduo imitando o processo natural pode passar por um processo de compostagem. “A compostagem é o processo de decomposição biológica da matéria orgânica contida em resíduos animais e vegetais. É feita por muitas espécies de microorganismos que em presença de umidade e ar se alimentam dessa matéria e propiciam que seus nutrientes voltem à terra.”

O que foi apresentado até aqui não é nada novo. Aprendemos na escola que na natureza, lembrando que somos a única exceção, o resíduo de um ser vivo é alimento de outro. Estudamos os ciclos do nitrogênio, do gás carbônico, da água e tantos outros para esquecer depois das provas escolares que eles nos acompanham por toda a vida. Porque continuamos querendo somente consumir? Consumir é sumir, devemos usar o necessário.

Penso sempre que a natureza se comporta como uma avó generosa para com seus netos que somos nós. Assim, ao longo da nossa existência ela foi dando conta dos nossos resíduos, quando nômades sobre a terra gerávamos pouco lixo. Depois nós nos estabelecemos em locais fixos, desenvolvemos tecnologias que quanto mais complexas geravam mais lixo e continuam gerando. A título de exemplo, o lixo da geração de energia nuclear é um estoque de morte anunciada. Existe uma preocupação constante de que os locais de depósito não caiam no esquecimento.

Sendo o problema assim gigantesco, as soluções propostas que temos até aqui só provam que são ineficientes. O argumento de que o problema é proporcional ao tamanho da população é o mais usado. Perfeito, **porque precisa ser assim?**

Vamos continuar nos comportando como aqueles netos que buscam a avó para escapar da punição por algum mal feito? A natureza está dando sinais de que não dá mais conta. Como ela tem muitos netos poderá preferir outros que não nós. A lista de animais em extinção, mamíferos em particular, deveria nos preocupar. Poderemos ser os próximos.

Isto é, precisamos com urgência buscar a estabilidade populacional ou ela seguirá acontecendo à nossa revelia. E principalmente, voltar a aprender com nossa avó natureza que nos seus milhares de anos garantiu a existência da vida que temos hoje. É preciso consumir de acordo com a necessidade e voltar aos ciclos. Resíduo de um é alimento de outro.

Publicado no Jornal de Beltrão em 13/2/2016

A Natureza sem partido

A natureza assim como a chuva é para todos. Quando chove independe se você é rico ou pobre ela vai cair sobre todos. Claro que com algumas diferenças e o pobre sofre mais, porque como já escrevi em outra oportunidade investir na pobreza dá lucro. Se a natureza é de todos e para todos porque ainda insistimos em partidarizar?

Aproveito o período eleitoral municipal deste ano para discorrer considerações que julgo serem oportunas. Existe um problema conceitual que é preciso levar em consideração. Para quem se perpetua no poder é muito bom que a maioria não goste de política. Como diria Platão: “O castigo dos bons, que não fazem política, é serem governados pelos maus”.

E aqui a primeira armadilha. Quando falam política entendem ser o mesmo que partidário, é deste ou daquele partido. A política como “habilidade no relacionar-se com os outros, tendo em vista a obtenção de resultados desejados” [Dicionário Houaiss] é confundida com o partido, “organização social espontânea que se fundamenta numa concepção política ou em interesses políticos comuns e que se propõe alcançar o poder” [Dicionário Houaiss].

A política pertence a todos nós que convivemos nos pequenos grupos, nas organizações e na sociedade; ocorre de forma dinâmica e ininterrupta. Já o partido fundamenta-se na política, existe a busca de um resultado desejado. Porém, em determinado momento ele segue em busca de poder para fazer valer interesses do grupo. Estes interesses já não estão necessariamente vinculados a um todo maior. Tivemos situações das mais variadas formas; desde a política dos gregos, que fundamenta nossa concepção ocidental de sociedade, até os atuais esquemas de corrupção deflagrados pela mídia. Sempre a disputa pelo poder.

Fábio Feldmann, ambientalista e também político (Claro!), e partidário – PV, afirmando que “É desanimador. Sinto mais dificuldade do que há 30 anos. E justamente no momento em os temas se tornam relevantes”. Politicamente, o Fábio encaminhou a maior parte ambiental da nossa Constituição. Mas, o que se seguiu depois foi um partido assumindo a agenda ambiental. Pronto, entrou o jogo de poder e quem ganha escolhe o que vai seguir em frente. Penso que pelos estragos não é preciso nem citar o resultado disto.

O extremo do partidarismo chega ao ápice e atinge o país como um todo. Sem querer dar mérito a este ou aquele partido, porque estaria deixando de ser político. Enquanto sociedade, nós estamos sem uma agenda política comum a todos nós. Deixamos de lado o relacionar-se com os outros, para seguir num modelo de “manda quem pode, obedece quem precisa”.

Estamos perdendo nossa capacidade política e de pessoas livres. Esta agenda comum não é defender que de agora em diante tudo será diferente. Não é assim que acontece. Precisamos urgentemente encontrar um caminho para adequar-nos dentro das possibilidades e oportunidades que a natureza oferece. Políticas, programas e leis temos sobrando, falta cumprir, fazer. Parafraseando Montesquieu que dizia “leis inúteis enfraquecem as leis necessárias”.

Este fazer pode começar até mesmo no município onde vivemos politicamente nossas vidas. Para quem está no governo, e para os próximos que estiverem, existe um princípio muito simples que se aplicado causa uma mudança profunda: tudo o que rege e se aplica ao município deve valer para todos os munícipes. Politicamente é um resultado desejado, partidariamente duvido

que aconteça porque implicaria em abster-se da disputa pelo poder ou da garantia de vitória nas eleições subsequentes.

Publicado no Jornal de Beltrão em 20/2/2016

O silêncio local.

Começar é tão difícil quanto romper com o silêncio de um desentendimento. Tudo fica quieto como a tempestade marinha que se anuncia no silenciar das ondas. Estes silêncios nós conhecemos, mas existe um silêncio que causa preocupação por estar bem próximo e passando despercebido, o silêncio local.

Este questionamento que vai se apresentando na medida em que a pergunta é construída parte da quantidade de mensagens que recebo todos os dias neste mundo altamente conectado. São mensagens de todos os tipos, inclui notícias, denúncias, pedidos, avisos de catástrofes iminentes e abaixo assinados relacionados com o meio ambiente. Muitas vão para a pasta de “spam” automaticamente e não farão falta no futuro.

Com toda esta quantidade, uma ou outra sempre vale a pena, prefiro sempre as notícias e algumas vezes uma postagem em rede social fazendo alguma campanha ou abaixo assinado. Inicialmente para participar e não deixar que os atos que vão contra a vida de qualquer ser continuem acontecendo. Um caso recente foi o de Mariana, onde a empresa e o governo constroem um acordo administrativo como se as mortes, vítimas do crime ambiental, não tivessem acontecido.

O outro interesse pelos abaixo assinados é acompanhar os comentários para ampliar a compreensão do que está acontecendo. Todos se manifestam, reclamam, ofendem e extravasam suas emoções. Uma pessoa do outro lado de uma tela com um teclado na mão sente-se invencível. Porque nada diretamente vai atingi-la. É como assistir os noticiários sobre tragédias, elas passam em segundos, e a pessoa continua tranquila no sofá.

Como na rede social nem tudo é virtual, ainda bem, tive a chance de encontrar a pessoa real que se manifestou num abaixo assinado. Entre os diversos assuntos, um deles foi o caso da queima do lixo na cidade. Reclamações de uma parte e outra, o que fazer, porque nada acontece depois das 18 horas e nada. Ainda procurei instigar, não acreditando no silêncio do outro. Até que saiu uma desculpa. Uma afirmação de que é uma situação complicada, cidade pequena, a pessoa é teu vizinho, não dá para ir lá reclamar quando ele põe fogo. Como? Fiquei com a pergunta no ar e aquele silêncio preocupante se manteve. Despedidas feitas, segui meu caminho.

Um nó górdio, como continuar? Localmente as pessoas não querem se envolver, elas têm uma preocupação fraudulenta com o amanhã e de precisar de alguém. O que seria este precisar que pesa tanto a ponto de silenciar em questões relacionadas com a qualidade de vida? Reconheço, como tenho estas preocupações não tenho muitos amigos. Mas, que amigos seriam estes que degradam o meio ambiente e depredam a natureza?

Uma saída que tenho encontrado para vencer este silêncio local é fazer outro caminho. Realizar ações concretas tem maior receptividade. O Aventuras (aventuras.religar.net) é uma busca e mapeamento das belezas naturais da nossa região. Faz bem para qualquer pessoa estar num lugar bonito, uma cachoeira volumosa numa paisagem exuberante. Porém, o que encontramos nestes locais é lixo. Isto mesmo, rastros humanos estão lá. Não dá para dizer que não e deixam a paisagem muito feia. Sem precisar entrar em confronto com quem sujou, limpamos e publicamos. E assim aos poucos se quebra o silêncio local.

Publicado no Jornal de Beltrão em 27/2/2016.

Isenção de responsabilidade.

Em meio aos desastres e crimes de todos os tipos, o que vemos é uma busca por eximir alguém ou grupo de pessoas de alguma responsabilidade. O argumento usado anteriormente era o de provar desconhecimento sobre o assunto. Alguns populistas ainda usam este “eu não sabia” para enganar os ignorantes. Mas, qual será o resultado desta isenção de responsabilidade? Continuaremos sendo os que se esquivam da responsabilidade? Nunca seremos sérios e nem levados a sério?

Difícilmente alguém é levado a sério se ele mesmo não for. Nas atividades diárias isto fica muito claro. Um compromisso marcado e atrasos de toda ordem o tempo todo afastam as pessoas e por consequência os clientes e negócios. O resultado é imediato porque o concorrente vai assumir o lugar simplesmente pela mudança de atitude, sendo responsável.

O mesmo acontece com as preocupações maiores em relação aos problemas ambientais. As empresas que não são sérias e que ficam maquiando seus produtos vão sendo descobertas e o mercado vai reagindo. Neste caso é preocupante quanto aos “produtos orgânicos”. Diversas matérias na mídia apresentaram o problema da fraude, mostrando que a produção era como de qualquer outro com uso de agrotóxicos. A preocupação recai no fato de que denunciando a fraude não se posicionou quanto ao agrotóxico, induzindo a pensar de que este não causa problema. O que também é uma falta de responsabilidade com relação à saúde das pessoas.

Assim, se esquivar da responsabilidade parece ser a prática mais comum. Dizer que a administração pública de qualquer esfera não é responsável única pela questão do lixo que encontramos em todos os lugares é uma maneira sutil de eximir da responsabilidade. Por quê? Na Constituição Federal, Art. 23, temos “É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.” e mais adiante no rol da lista deste artigo encontramos “VI – proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas;”. Quem está lá sabe de suas responsabilidades e nós também deveríamos saber que somos responsáveis.

Porém, como cidadãos também nos esquivamos, nos eximimos da responsabilidade. Cito aqui um exemplo bem concreto que espero tenha solução pela quantidade de vezes que já informei do ocorrido. Para quem tem o hábito de caminhar ou mesmo se não for pode perceber que no final de tarde, depois do expediente, em algum lugar sempre tem um cheiro de fumaça e muitas vezes o local da queima do lixo é visível. Uma poluição que fica por horas, liberando os mais diversos gases e partículas poluidoras. Tudo porque falta responsabilidade na aplicação da lei que garanta a qualidade de vida e os vizinhos mesmo prejudicados não querem “criar caso”.

Para exercer a responsabilidade legal temos o amparo na Constituição Federal, onde em seu Art 5º temos: “qualquer cidadão é parte legítima para propor ação popular que vise a anular ato lesivo ao patrimônio público ou de entidade de que o Estado participe, à moralidade administrativa, ao meio ambiente e ao patrimônio histórico e cultural, ficando o autor, salvo comprovada má-fé, isento de custas judiciais e do ônus da sucumbência;”. Por isso, está na hora de agir e ser responsável.

Publicado no Jornal de Beltrão em 5/3/2016

Solução de ida e volta.

Uma pane elétrica e uma visita ao mecânico. A solução foi sair com dois fusíveis da mecânica. Use este para fazer o que precisa e este para voltar ao mecânico se o outro queimar. Ida e volta? Sim. Interessante. A vida é assim?

Ter uma solução deixa qualquer um feliz. Trocado o fusível, solução de ida, resolvi por precaução dar uma volta na quadra. Pane novamente e usei a solução da volta. Preciso esperar para resolverem o problema e resolvo pensar com papel e caneta por testemunhas.

Historicamente sempre tivemos o início, depois o apogeu e por fim o declínio. Isto com civilizações, sociedades, organizações, empresas e cada um de nós. Pode-se dizer que é uma ida e volta o tempo todo. A natureza é uma circulação de nutrientes que se compõe nas plantas pela fotossíntese, e depois quando a planta ou parte dela morre as bactérias vão decompor para disponibilizar novamente os nutrientes.

Os ciclos e processos naturais são muito mais complexos e aqui o objetivo é somente deixar claro que na natureza não existe a produção de lixo, o resíduo de um é alimento do outro. Nós, também somos parte da natureza e a única exceção. Nosso modelo de crescimento tendo somente uma solução de ida produz quantidades enormes de lixo que a natureza em seu todo não consegue mais inserir nos seus ciclos.

Astronomicamente podemos argumentar que é assim mesmo. Um dia o sol não mais irá brilhar e se não formos atingidos por nada antes o fim da terra é certo. Só existe passagem de ida. Algumas ficções seguem nesta linha de buscar outro planeta porque a terra ficou sem condições de vida. Concretamente nossas expedições espaciais buscam encontrar outros planetas onde possamos habitar. Enquanto aqui continuamos exaurindo os recursos naturais e tornando cada vez mais difícil nossa existência como espécie, além de estar contribuindo para acelerar a extinção de tantas outras.

A título de curiosidade, o sol para se formar levou cerca de 50 milhões de anos. Pelos estudos e teorias atuais o sol deve ter mais 6,5 bilhões de anos de tranquilidade, estabilidade. Esta tranquilidade é o tempo de vida que ainda teremos pela frente na terra e que está relacionada diretamente com o sol. Um solução de ida super longa.

Nesta “ida super longa” a natureza com seus ciclos chegou até a vida como a conhecemos. Ao invés de crescer indefinidamente, se bem que isto aconteceu e ainda acontece algumas vezes, a natureza sempre estabiliza novamente. Pode ser pela morte por falta de água e alimento, por alguma doença que se espalha em larga escala ou mesmo a destruição entre os próprios indivíduos da espécie. Isto para nós humanos está todos os dias estampado nas manchetes dos noticiários.

Portanto, se nós somos o ápice da evolução natural até hoje, temos informações e conhecimentos, não seria mais interessante nos comportarmos como ótimos aprendizes e praticar a solução de ida e volta? Porque se usarmos somente nosso fusível de ida para crescer indefinidamente o fusível de volta não mais servirá porque não teremos para onde voltar. Pior, também não teremos descoberto outro local para continuar nossa existência. Vale a pensa

pensar em quantas gerações de chances teremos se não destruímos tudo hoje e deixarmos de continuar produzindo lixo.

Publicado no Jornal de Beltrão em 19/3/2016

A água de todos os dias.

Temos problemas relacionados com a água todos os dias. Notícias são publicadas sobre a falta dela, reservatórios vazios, excesso de chuva e suas consequências, rompimento de barragens por infiltração de água... Em outros meios temos pesquisas, novos processos de purificação, economia de água na agricultura, campanhas as mais diversas buscando ocupar um espaço em nossas mentes para gravar a mensagem de que sem água nós não existimos.

As campanhas tem seu valor por dar foco para determinada questão. Em 1977 a Conferência das Nações Unidas para a Água em Mar Del Plata, Argentina, aprovou o Plano de Ações de Mar Del Plata. Este, um referencial para recursos hídricos com o objetivo de promover um nível de preparação nacional e internacional que possibilitasse evitar uma crise hídrica de dimensões globais até o fim do século XX.

Desde então diversas conferências aconteceram com alguns avanços aqui e outros ali. Esbarrando sempre na dificuldade de investimentos. A Conferência da ONU de 2001 que aconteceu em Bonn, capital da Alemanha, entre os temas surgiu o da privatização da água. Para tornar a água atrativa aos investidores como fonte alternativa para a gestão da água no globo.

Só para lembrar, no Artigo 6º da Declaração Universal dos Direitos da Água de 1992 temos: “A água não é uma doação gratuita da natureza; ela tem um valor econômico: precisa-se saber que ela é, algumas vezes, rara e dispendiosa e que pode muito bem escassear em qualquer região do mundo”. Soa estranha a afirmação de que “a água não é uma doação gratuita da natureza” porque é justamente o contrário. A afirmação só é válida porque o pensamento econômico-financeiro é reducionista. Entendemos de cifras e com raras exceções o pensamento geral é de que a água é um recurso que sempre está aí à disposição para quem dela quiser se apropriar.

Esta valoração econômica da água ao invés de melhorar o cuidado com a mesma esconde um exercício de poder bem discreto, não percebido pela maioria. Podemos pegar principalmente os exemplos recentes de desastres envolvendo este precioso líquido. Enquanto nenhum acidente acontece, todos estão felizes porque se tem lucro, impostos e geração de emprego. Tudo é realizado sem os cuidados básicos de uma operação segura porque é preciso “faturar”, o restante fica para depois.

Assim acontece também com o problema de falta de água nos reservatórios, sendo crítica em muitas regiões é dissimulada por outras preocupações como, por exemplo, o da redução da pobreza. Sabemos muito bem que as áreas de mananciais, áreas protegidas e produtoras de água são justamente ocupadas por pessoas que ficam a margem da sociedade. Fácil perceber que tem algo errado.

As conferências, declaração de direitos, fóruns e tantos outros acabam ficando somente em arquivos porque a participação em questões mais amplas é muito baixa. O modelo é se preocupar com o curto prazo porque em caso de desastre existe toda uma movimentação econômica para atender as pessoas, reconstruir e trazer tudo de volta para a normalidade econômica sem levar em consideração os prejuízos ambientais que ficam por gerações.

Será que poderemos continuar assim? Penso que não. É preciso participar mais e saber mais sobre este assunto justamente por ser uma questão de vida ou morte. A água faz parte de nossa

vida todos os dias, isto por si só já deveria ser um motivo para nossa preocupação constante. Está mais do que na hora de negar a existência do problema, ou achar que economicamente tudo vai ser resolvido.

Para terminar fica um excerto do Relatório Mundial das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento dos Recursos Hídricos divulgado em 22 de março, próximo, passado – “A gestão insustentável dos recursos hídricos e outros recursos naturais pode causar graves danos às economias e à sociedade, invertendo significativamente os benefícios conquistados duramente na redução da pobreza, na criação de empregos e no desenvolvimento”. Só trocaria “pode causar” por “causa”.

Publicado no Jornal de Beltrão em 26/3/2016

Quando somente a tecnologia não basta.

Existe um esforço muito grande para encontrar soluções tecnológicas para tudo. O desenvolvimento da humanidade traz até nossos dias o “homo faber”, aquela designação do homem primitivo que forjava seus próprios utensílios para garantir a vida. Lá no início o problema era uma lança para caçar hoje podem ser coisas para necessidades criadas, simplesmente para manter um fluxo econômico, sem muita preocupação com a vida, a existência de todos. Será que as novas tecnologias são para garantir a vida? Porque algumas tecnologias que melhoram nossa vida não são adotadas?

Algumas indústrias tendem a resistir e se manter a qualquer custo, mesmo sendo as que causam maiores estragos. A indústria do petróleo é um exemplo. Algumas mais inteligentes e percebendo que existe o problema do fim do recurso ou então que em tendo o recurso não mais será possível utilizar devido à poluição ou mesmo o alto gasto energético para sua exploração estão se reinventando. Lembrando que nas entrelinhas de muitos discursos não é comentado que a indústria baseada em combustíveis fósseis só existe devido aos altos subsídios que recebe. Existem os discretos e indiretos como a isenção de impostos para veículos para “aquecer o mercado”, no fundo é para aquecer a demanda por combustíveis.

Existem soluções simples e baratas que não são adotadas. Cabe citar aqui o tratamento de esgoto por zona de raízes. Porque não existe o interesse para seu uso em larga escala? Uma das razões repousa na falta de uma visão de conjunto. Quando se resolve o problema de saneamento você diminui os gastos com saúde, melhora a condição ambiental e conseqüentemente melhora a vida das pessoas. O domínio do pensamento econômico é outra razão. Para receber apoio e implantar é preciso ser um negócio que gere emprego, impostos e lucro. Fora deste tripé muito pouco acontece, a não ser em grupos que começam a ficar a margem da sociedade.

Esta questão do negócio também interfere diretamente no caso da energia. Neste caso é mais claro e fácil de calcular. Existe a necessidade de diversificar a matriz energética e temos potencial para aproveitar a energia que pode ser gerada a partir do sol. Podemos ter aquecedores solares de água, painéis fotovoltaicos e secadores. Porque eles não são adotados em grande escala? Penso que principalmente pelo mesmo motivo, emprego, impostos e lucro. A água quente que você usa com um sistema solar só pagou impostos sobre o conjunto de equipamentos e sobre o serviço de instalação. O sistema se paga com seu uso em torno de 7 anos e tem uma vida útil de 15 a 20 anos. Isto é, aproximadamente de 8 a 13 anos você não gasta com energia, nem gera impostos e nem lucros para os produtores de energia.

Seguimos com nossa capacidade para encontrar soluções, uma evolução constante que faz parte da nossa existência. Tem melhorado ao longo dos anos nossa expectativa de vida ao mesmo tempo em que gerou diferenças absurdas entre indivíduos da mesma espécie, estou falando da nossa espécie humana. Provavelmente só a tecnologia não bastará para resolver todos os problemas porque estamos perdendo gradativamente nossa inteligência enquanto espécie.

Precisamos e muito exercitar nosso cérebro para pensar, para encontrar as melhores soluções onde todos se sintam participantes. Porque é muito fácil fazer um discurso, de participação da comunidade, de que devemos nos engajar nas causas da humanidade, de que devemos nos doar em prol do bem de todos, do alto de uma cobertura mesmo sabendo que do outro lado temos pessoas vivendo em condições precárias.

Algumas tecnologias são ótimas, mas a natureza, o meio ambiente e todos os nossos sistemas são muito mais complexos. É preciso ser “homo faber” do pensar para não se deixar levar pelo pensamento de que outros sabem o que é melhor para garantir a vida.

Publicado no Jornal de Beltrão em 2/4/2016

Educação Ambiental, mais uma disciplina?

Quanto à expressão “Educação Ambiental” fico intrigado porque ela já cria uma separação com relação a “Educação”. Porque se tivermos educação, ótimos alunos e estudantes, seremos inteligentes. Se formos inteligentes estaremos em melhores condições de lidar com a complexidade de nossa existência e saberemos quais atitudes tomar frente a nossa perpetuação como espécie. Simples? Parece que não porque a todo o momento perdemos esta noção de um conjunto mais amplo e criamos maior separação entre nós e a natureza.

Na Lei de Educação Ambiental, Lei Nº 9795/1999, temos como primeiro de seus objetivos fundamentais, “o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;”. Percebe-se que a legislação tem uma amplitude que se bem conduzida consegue voltar ao entendimento de que tudo afeta a todos e está relacionado com todos.

Já a ementa do Projeto de Lei do Senado (PLS) nº 221, de 2/15, propõe “altera a Lei Nº 9.795 de 27 de abril de 1999, que “dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências”, para incluir como objetivo fundamental da educação ambiental o estímulo a ações que promovam o uso sustentável dos recursos naturais e a educação ambiental como disciplina específica no ensino fundamental e médio, e a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação, para tornar a educação ambiental disciplina obrigatória.”

Se a Lei 9.795 estabelecia uma “compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas relações” e agora se opta por incluir uma especificidade disciplinar; não seria mais eficiente primeiro verificar o porquê esta compreensão não ocorreu? Uma compreensão integrada resolveria todo o restante, provocando mudanças práticas por consequência.

Se por exemplo compreendemos o ciclo hidrológico da água, abordado na disciplina de ciências, nós iremos saber que em sendo um recurso escasso é preciso mudanças de hábitos e estar atento para sua economia. Se na geografia estudamos os solos e sabemos dos efeitos da erosão, iremos buscar técnicas de conservação. Se na história estudamos as migrações que aconteceram pela estiagem e consequente falta de alimentos, teremos condições de pensar sobre nossa pressão sobre os recursos locais e o que devemos fazer para enfrentar melhor os problemas das mudanças climáticas.

As aulas e posterior estudo do português e inglês são de suma importância para a troca de informações, pesquisas sobre experiências em outros países, incluindo a comunicação da transversalidade proposta. A matemática com todos os cálculos, equações, estatísticas, simulações, etc. nem precisa de maiores argumentos. Aqui levantei alguns exemplos bem simples de como é possível tratar o tema ambiental de forma transversal, existem muitos outros que podem ser encontrados em ótimos livros didáticos.

O objetivo poderia estar na criação de um mercado econômico porque nos argumentos do PLS 221/2015 não aparecem referências sobre a verificação da aplicação da lei em vigor. Com a criação de mais uma disciplina abrem-se cursos de graduação, formam-se professores da área, cria-se material didático específico, abrem-se concursos para as escolas públicas e outros.

Penso que é melhor não ser uma disciplina e sim que se aprimore a transversalidade sem perder o foco do que é específico de cada disciplina, fomentando e realizando investimentos e fazendo avaliações constantes. Não esquecendo que existe a opção de realizar serviços em Educação Ambiental, educação não formal, ainda um mercado pouco explorado. Afinal, todos querem ser educados e todos nós estamos preocupados com os problemas ambientais ou não?

Publicado no Jornal de Beltrão em 9/4/2016

Somos civilizados?

Quando uma pessoa, um grupo de pessoas ou muitas pessoas não encontram mais uma condição de vida satisfatória, algo não vai bem, se instaura a CRISE. Tudo fica complicado, a tensão aumenta e conseqüentemente diminui a capacidade de aceitação, de compreensão transformando tudo em conflitos e disputas. Ou é meu amigo, ou é meu amigo; nós e eles. Alguns casos extremos são do tipo eu contra todo mundo.

A crise ambiental está sendo definida como socioambiental ou civilizatória, sendo mais grave a cada dia devido as mudanças climáticas globais, influenciadas em maior ou menor grau pela nossa presença e por consequência nosso impacto sobre toda a natureza, da qual também somos parte. Então a nossa crise civilizatória existe e a preocupação é toda nossa porque ela está relacionada diretamente com a nossa vida.

A civilização, “conjunto de aspectos peculiares à vida intelectual, artística, moral e material de uma época, de uma região, de um país ou de uma sociedade”, conforme Dicionário Houaiss, poderia dar uma ideia de que “crise civilizatória” não se aplica. Somos civilizados e até pouco tempo atrás e mesmo muitos ainda hoje pensam que sociedades isoladas, como as indígenas, não são civilizadas.

Existem as diferentes civilizações e elas além do conjunto que as denotam tem as pessoas civis que delas participam. Aqui entra o diferencial e a ligação que faltava quanto, a saber, se somos civilizados. Porque o civil, além da diferenciação de não ser militar ou religioso, é a pessoa sociável, polida, bem-educada, termos encontrados no mesmo dicionário já citado.

Crise ambiental é crise civilizatória no seu aspecto mais amplo porque ela está afetando a nossa relação social e revelando que temos menos educação. Podemos estar sendo bem educados pela família, mas o nível não corresponde à necessidade atual. Isto afeta diretamente a escolarização e posterior educação continuada de cada um, com perda da inteligência e a capacidade de entendimento quanto à interdependência com tudo e com todos os seres vivos.

O ponto chave da civilização, podemos reler a definição anterior, é a Educação.

Respondendo a pergunta, posso dizer que somos civilizados e o que nos falta é inteligência que pode ser desenvolvida a partir da educação, aprendizagem e estudo. Porque podemos ter as melhores tecnologias, as práticas sustentáveis obrigatórias, mas se as pessoas não mudarem, seguiremos no mesmo caminho e provavelmente nosso fim.

Lembrar que as civilizações aparecem, tem seu auge e desaparecem. Os motivos são diversos e muitos deles relacionados com sua capacidade de adaptação a mudanças que aconteceram. Neste momento temos o problema das mudanças climáticas que vem apontando para uma necessidade de adaptação urgente, onde o nosso modo de vida com um consumismo exacerbado não tem mais lugar.

Se nada fizermos a nossa civilização e muitos de nós simplesmente desaparecerão. Resta saber se os que sobrarem, para começar nova civilização, poderão perpetuar a espécie humana. Sem dramatização ou achar que é pessimismo, muitas espécies já se foram e a nossa é só mais uma.

Publicado no Jornal de Beltrão em 16/4/2016